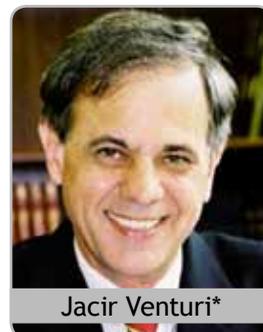


O SABOR DO SABER



Jacir Venturi*

A era do conhecimento - que hoje vivenciamos - tem fulcro em dois marcos históricos: a Biblioteca de Alexandria e a imprensa de Gutenberg.

A Biblioteca de Alexandria estava muito próxima do que se entende hoje por universidade e reinou quase absoluta como centro da cultura mundial entre o séc. III a.C. e o séc. IV d.C. Continha praticamente todo o saber da Antiguidade, em cerca de 700 mil rolos de papiro e pergaminhos. Seu ideal era adquirir um exemplar de cada manuscrito existente na face da Terra. No entanto, o manuseio de seus conteúdos era restrito aos mais conspícuos sábios, poetas e matemáticos. Sua destruição talvez tenha representado o maior crime contra a ciência e a cultura em toda a história da humanidade.

Até meados do séc. XV, a reprodução do conhecimento se fazia essencialmente por meio dos monges copistas, pontuados em algumas dezenas de mosteiros e universidades.

Em 1455, o ourives alemão Johannes Gutenberg inventou a tipografia. Com a imprensa, o mundo sofreu uma vigorosa transformação que, de pronto, influiu extraordinariamente sobre o Renascimento. Tamanhos foram o alcance e a influência da invenção de Gutenberg, pois propiciou a democratização do conhecimento, com a impressão em escala de livros e jornais, que foi considerada a maior revolução tecnológica do milênio.

Vladimir Melnikov



Jacek Chabraszewski

A Europa de então possuía cerca de 50 milhões de habitantes. Somente 15% sabiam ler, pois raramente conseguiam livros. O invento de Gutenberg se propagou de modo espantoso e fez dobrar, em poucos anos, o número de europeus alfabetizados. Em 1500, já circulava, naquele continente, meio milhão de livros.

Se vivemos hoje a era do conhecimento, é porque a alçamos sobre ombros de gigantes do passado, reiterando a afirmação de Isaac Newton. A cada geração, novos andares foram construídos sobre a antiga estrutura.

Com a internet, em nenhum momento da história, o acesso ao saber e à pesquisa foi tão democrático. Em poucos minutos, boa parte da população mundial tem informações ao alcance de um teclado; só o Google hospeda

1,5 trilhão de páginas de informações.

Hoje, a web e outras multimídias tornam disponíveis conteúdos técnicos e pedagógicos precisos, com visual atraente, em movimento e até em 3D. Em contrapartida, metade de seus *bites* é desnecessário ou até pernicioso.

Fui estudante de 1º e 2º graus nos anos 1960, época em que não havia tantas futilidades na comunicação escrita, até porque todo impresso era dispendioso. Os livros eram monocromáticos, sisudos, contidos nas ilustrações e pródigos nos textos densos.

Uma mesa e uma cadeira num ambiente silente são condições clássicas para uma efetiva assimilação dos estudos. Ou, como dizia um provector professor de matemática, com graça e forte sotaque alemão:

“o aprender entra ‘pelo bunda’ e caminha para o cérebro.”

Se temos hoje uma profusão de recursos tecnológicos, com ludicidade e didática, uma coisa não mudou: o aprendizado consistente e duradouro se faz com disciplina pessoal, esforço e solidão.

Para atingir os píncaros do saber, busquemos a analogia portuguesa do Cabo do Bojador, aquele lugar difícil de ser alcançado, mas que tem enlevo. E tem conquista. Conforme ilustram os versos de Fernando Pessoa, “quem quer passar além do Bojador / tem que passar além da dor”. E a dor se transforma em doce sabor. Sabor do saber. ■

*Diretor de escola e professor. Vice-presidente do Sinepe/PR

jacirventuri@hotmail.com